

EDITORIAL REVISTA SBRASH

Este número da *Revista Brasileira de Sexualidade Humana* compõe-se de artigos atuais, apresentando resultados de pesquisa ou opinativos sobre sexualidade humana em seus aspectos históricos, biopsicológicos e socioculturais. A compreensão desses aspectos implica realização de trabalhos inter e multidisciplinares que envolvam contribuições basilares nas áreas do conhecimento indispensáveis à concepção da sexualidade ou sexualidades, como se diz na atualidade.

Falar em sexualidade tem sido frequente nos três últimos séculos, escrever sobre sexualidades, contudo, é mais recente. Como analisou Foucault (1988, p. 26-27):

[...] por volta do século XVIII nasce uma incitação política, econômica, técnica, a falar de sexo. E não tanto sob a forma de uma teoria geral da sexualidade, mas sob forma de análise, de contabilidade, de classificação e de especificação, através de pesquisas quantitativas ou causais. [...] Deve-se falar de sexo, e falar publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito e o ilícito, mesmo se o locutor preservar para si a distinção [...] falar de sexo como de uma coisa que não se deve tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo.

Ampliando a concepção do que se trata das sexualidades, o que para Foucault era sexo, tem-se neste número discussões que vão desde o que se pensa sobre sexualidade, ao que se vivencia com prazer e também sob o efeito de interdições e até violências.

Fala-se na atualidade em sexualidades, no plural, por serem diversificadas as suas manifestações e múltiplas as suas abordagens. Considera-se também muito importante dar valor ao que as pessoas falam sobre este dispositivo, concordando com Gilligan (1982, p. 12) para quem “[...] o modo como as pessoas falam de suas vidas é significativo; a linguagem que utilizam e as conexões que fazem revelam o mundo que elas vêem e no qual atuam”.

Assim considerando, tem-se artigos que tratam da temática educação sexual e formação de profissionais para a área, como “A concepção de professores sobre sexualidade”, “História da educação sexual no Brasil: apontamentos para reflexão” e “Sexualidade e diversidade sexual na formação em Psicologia”.

Essas pesquisas referendam saberes já consolidados como o desconhecimento do significado da sexualidade, e a ausência de sua abordagem em cursos de formação de profissionais de educação e de saúde.

Como se analisou noutra oportunidade Fagundes (2009, p. 168) afirma que:

Uma das principais dúvidas que cercam a questão da educação sexual na escola recai sobre a ‘figura’ da professora ou do professor, que pode e tem condições para assumir o processo. Nossa experiência, contudo, vem demonstrando que encontrar o/a educador/a que possa educar para a sexualidade não é muito difícil de ‘descobrir’. Na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental, para as crianças, sua professora, em geral, é aquela pessoa em quem mais podem confiar depois da mãe ou outro familiar bem próximo afetivamente. A professora é aquela que acolhe, ensina, e ‘abre-lhes as portas do mundo!’ É claro que ela é a pessoa ideal para educar, também, para a sexualidade. Pode ser que, até então, a educação sexual não tenha ‘feito parte da sua história’, mas sendo uma profissional como é, há de encontrar os meios para se capacitar e ‘ousar’ planejar e efetivar ações educativas em sexualidade.

Encontrar os meios para se capacitar é a chave do processo. Políticas públicas que assegurem o oferecimento de oportunidades de formação é o desejável e necessário.

Outros artigos analisam a violência, em especial, contra LGBT: “Violência contra adolescentes e jovens homossexuais e os impactos na saúde: revisão integrativa da literatura”, “Despatologização da transexualidade: revisão integrativa da literatura científica nacional” e “Homofobia e misoginia no medievo: genealogia da violência”.

Esses temas, embora não sejam considerados extraordinários no campo de estudos de gênero, constituem-se em matéria que possibilita revisões teóricas e conceituais. Entre outros autores, retoma-se Laqueur (2001), para quem os dois sexos, conhecidos como um novo fundamento de gênero, passa a existir no século XVIII, e mais efetivamente, no século XIX, mudando o campo de batalha do gênero para a natureza, dado que a diferença anatômica entre os sexos é a única diferença humana que é universalmente existente.

E finalmente, não menos importante, tem-se um conjunto de artigos que tratam de comportamento sexual: “Fatores relevantes na iniciação sexual: discurso coletivo de adolescentes em uma escola do Recife, Brasil”, “De menino a metrosssexual: a construção da masculinidade na contemporaneidade”, “O homem cansado: uma breve leitura das masculinidades hegemônicas e a decadência patriarcal”, “Sexualidade e gestação: fatores que influenciam na expressão da sexualidade” e “Sexualidade na longevidade e sua significação em qualidade de vida”.

Esses artigos remetem à análise de Heilborn (2006, p. 45) para quem

Os estudos dos processos histórico-culturais demonstram como algumas condutas, perfeitamente aceitas em determinados momentos da história, passam a ser interditas em outros períodos, modificando a forma como os sujeitos vivenciam as sensações corporais. Através do autocontrole individual os interditos são internalizados e atos que eram praticados publicamente se transformam em comportamentos cada vez mais privados.

Comportamentos como a construção das feminilidades e masculinidades, iniciação sexual, gestação, maturidade sexual e qualidade de vida são por vezes interditados na esfera pública, podendo ser vividos efetivamente apenas na esfera privada.

Com esta configuração analítica conclui-se esperando que esta publicação se torne um material de reflexão que estimule o fortalecimento da compreensão sobre sexualidades e seus pilares – corpo, gênero, comportamento sexual e prevenção – e que as análises apresentadas sirvam de insumo para discussões e práticas que orientem a implementação de programas de educação sexual inovadores voltados para o combate à violência de gênero e melhora da vida sexual da população, o pleno desenvolvimento das pessoas, suas famílias e suas comunidades.

Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes
Doutora em Educação / Universidade Federal da Bahia
Diretora de Relacionamento da SBRASH – Gestão 2018/19

REFERÊNCIAS

FAGUNDES, Tereza Cristina P. C. Pais conscientes, educadores capacitados - educação sexual para crianças e adolescentes. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 20, p. 164-171, 2009.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I – A vontade de saber*. II. ed. Rio de Janeiro: Graal. 1988.

GILLIGAN, Carol. *Uma voz diferente*. Psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1982.

HEILBORN ML. Entre as tramas da sexualidade brasileira. *Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 43-59, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n1/a04v14n1.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando do sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.